

MICROSCÓPIO

RAUL PILLA

Detenhamo-nos um instante à margem dos acontecimentos políticos do país, saiamos do torvelinho para contemplar a correnteza dos fatos. Que vemos? Votada a Constituição de 18 de setembro de 1946, tudo começou a girar em torno do sucessor do presidente, cujo mandato mal começara. A luta pela vice-presidência da República, que se travou no Congresso, era já um dos pródromos da campanha presidencial. E outra gênese não teve o acôrdo interpartidário, embora vários fatores para êle concorressem. O presidente da República é o alfa e o ômega da nossa vida política: tudo começa e tudo termina nêle. Graves e fundamentais questões estão para ser resolvidas e cada vez mais séria se vai fazendo a situação do país. Tomemos, entretanto, um jornal qualquer: a questão das questões, a questão dominante, para não dizer única, é, há dois anos, a escolha do futuro presidente. Tudo, tudo, a vida inteira de uma população de quarenta e cinco milhões, fica, assim, na dependência de um homem e de um nome: o homem é o presidente que detém o poder; o nome é o do presidente que o vai receber.

Não se pense, porém, seja este um vício exclusivamente nosso. Não é nosso; é do regime. Manifesta-se no Brasil e manifesta-se nos Estados Unidos, a pátria do presidencialismo. Já Hamilton o previra: "Tempo virá certamente — disse êle — em que toda questão vital do Estado ficará submersa nessa questão: — QUEM SERÁ O PRÓXIMO PRESIDENTE?"

Mas, no Brasil, esta questão não submerge, apenas, porque afoga as demais questões. Descontentes, ou não, com o senhor atual, só pensamos no senhor futuro. Se o atual nos favorece, mais amigos ainda queremos ser do que virá; se aquêles nos desagrada, neste concentramos mais fortemente tôdas as esperanças. Poderá, já não digo prosperar, mas subsistir um povo submetido a tão esterilizante regime, poderá aguentar-se um país onde tôdas as grandes questões se reduzem à eleição e ao arbítrio de um homem?

Pensem nisto os que ainda alguma responsabilidade têm nos destinos do Brasil.